

## O CUIDADO COMO FATOR DE AMADURECIMENTO ESPIRITUAL

### Care as a spiritual maturing factor

Jhauber Luiz Moreira Da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo aborda uma reflexão sobre o exercício do “cuidado” como um processo de amadurecimento espiritual. A pergunta inspiradora para o desenvolvimento deste trabalho foi: Como se configura o exercício do cuidado no cotidiano como processo de amadurecimento espiritual? Buscou-se compreender e avaliar as profundas transformações da sociedade que geram o padecimento da humanização em várias áreas (mental, corporal e espiritual), que tiram o ânimo de viver e o dom de cuidar; e discernir caminhos para o crescimento espiritual em que se possam buscar forças para superar todas as sombras e todos os desafios, adquirindo maturidade por meio da dimensão do cuidado. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica com alguns autores de fundamentos filosófico e teológico, tendo como pensamento-base os livros motivadores do filósofo e teólogo Leonardo Boff: “saber cuidar” e “cuidado necessário”. Conclui-se que o ato de cuidar é inerente ao Ser e necessário em seu processo de constituição no mundo. O estudo indica que há um avanço humano e espiritual quando a pessoa atinge um grau de maturidade durante seu processo de crescimento e começa a lidar bem com suas demandas, a relacionar-se amigavelmente com outras pessoas do seu meio, adquirindo aprendizado e capacidade para construir vínculos fraternos de cuidado.

**Palavras-chave:** Cuidado; Humano; Processo; Amadurecimento; Espiritual.

**Abstract:** The article addresses a reflection on the exercise of “care” as a process of spiritual maturation. The inspiring question for the development of this work was: How is the exercise of daily care shaped as a process of spiritual maturation? We sought to understand and evaluate the profound transformations of society that generate the suffering of humanization in several areas (mental, corporal and spiritual), which take the spirit of living and the gift of caring; and to discern paths to spiritual growth in which one can seek the strength to overcome all the shadows and challenges, acquiring maturity through the dimension of care. A bibliographical research was carried out with several authors, with a philosophical and theological basis, with the motivational books of the philosopher and theologian Leonardo Boff as “thinking to care” and “The necessary care”. It is concluded that the act of caring is

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória/ES, <https://orcid.org/0000-0003-1413-8855>, [jhauber.luiz@gmail.com](mailto:jhauber.luiz@gmail.com)

inherent to Being and necessary in its process of constitution in the world. The study indicates that a human and spiritual advance occurs when a person reaches a degree of maturity during their growth process and begins to cope well with their demands, to relate amicably with others in their environment, to acquire learning and the ability to build fraternal bonds of care.

**Keywords:** Care; Human; Process; Maturation; Spiritual.

## Introdução

O desenvolvimento da globalização e os avanços tecnológicos deveriam ser revertidos para o bem comum da humanidade. Mas se, por um lado, a globalização tem aproximado as pessoas com a comunicação virtual imediata (por exemplo: uma pessoa do Brasil pode se comunicar com outra pessoa, na França ou na África do Sul, em tempo real, pela internet), por outro lado, tem contribuído, e muito, para uma cultura do individualismo, ao deixar a pessoa sozinha no seu “mundo particular”. O indivíduo está perdendo a sensibilidade pela vida e o interesse pelo cuidado.

A sociedade brasileira determina “valores” que incluem ou não a pessoa no âmbito social, caracterizando uma realidade “desumanizadora”: rostos empobrecidos que surgem com o superfaturamento das multinacionais deixando ricos cada vez mais ricos e pobres cada vez mais pobres. Essa cultura individualista impossibilita as pessoas de estabelecerem relações de comunhão, de convivência fraterna e de partilha, dificultando o desenvolvimento do cuidado.

São necessários cuidadores abnegados, pessoas de boa índole, justas, seres humanos que buscam equilíbrios vital, emocional e espiritual, que se sintam amados e possam amar de verdade, sobretudo, as pessoas mais simples, pobres e desprovidas de nossa sociedade. Faremos uma reflexão sobre a origem do cuidado nas dimensões: ontológica, fenomenológica e terapêutica, buscando entender a raiz do cuidado/cura, como um meio de performar o ser humano.

## 1 O cuidado como uma dimensão ontológica

Segundo Marilena Chauí (2012, p. 213), o conceito de ontologia pode ser entendido da seguinte maneira: “a palavra ontologia deriva do particípio presente do verbo *einai* (ser), isto é, de *on* (“ente”) e *tàonta* (“as coisas”, “os entes”), dos quais vem o substantivo *tòon*: “o ser”. Traduzindo, afirma que ontologia é o estudo do “ser”, do “ente”, das “coisas” presentes no mundo e as suas relações com os outros entes.

Heidegger, citado por Chauí (2012, p. 213), distingue a terminologia das palavras

Ôntico e Ontológico. Para esse filósofo, o primeiro termo “refere-se à estrutura e à essência própria de um ente, aquilo que ele é em si mesmo, sua identidade, sua diferença em face dos outros entes, suas relações com os outros”. Já o segundo termo, trata-se dos estudos filosóficos dos entes, aquilo que ele carrega como inerente a sua existência, suas categorias universais, o que é próprio de todos os seres humanos (a angústia, a liberdade, a culpa, o cuidado, a finitude...).

De acordo com Chauí (2012), a ontologia contemporânea parte da afirmação de que ente/ser<sup>2</sup> é um ser no mundo e que o mundo é mais velho que esse próprio ente/ser presente nele. Querendo dizer que o mundo não precisou do ser humano para existir, no entanto, reconhece que o mundo só tem sentido devido à significação que o humano é capaz de dar a ele, podendo, assim, conhecê-lo e transformá-lo.

Isso porque o ser humano tem consciência. Não uma consciência pura, mas uma consciência encarnada num corpo, ou seja, uma consciência que reconhece o papel dos sentidos e das sensações no ato de conhecer, transformar e cuidar do mundo. Isto é, “[...] não somos apenas pensamento puro, pois somos um corpo. Não somos uma coisa natural, pois somos uma consciência.” (CHAUÍ, 2012, p. 213).

São com as experiências adquiridas pela presença da humanidade no mundo que construímos o nosso próprio ser. Chauí (2012) afirma que o mundo não é simplesmente um conjunto de elementos naturais, numa relação de causa e efeito estudada pelas ciências, mas é, acima de tudo, um lugar onde vivemos com outros seres e cercados de diversas coisas que influenciam a nossa existência. O mundo é “[...] um mundo qualitativo de cores, sons, odores, figuras, obstáculos, um mundo afetivo de pessoas, lugares, lembranças, esperanças, conflitos.”. (CHAUÍ, 2012, p. 213).

---

2 O homem pode ser compreendido como ser do ente, em que ente é expressão daquilo que é do ser, em todas as suas modalidades. Ente é fechamento, não pode questionar-se sobre si mesmo, é rótulo, é limite, é determinação. O ser constitui-se no sendo, na abertura daquilo que é e que ainda será, pois o ser questiona sobre si. O ser se mostra como *ec-sistir*, é acontecer. O ser é possibilidade, é transformação e transcendência.

Heidegger (2009), ao tratar o tema do cuidado em sua obra “Ser e Tempo”, no sexto capítulo, mais precisamente §§ 41-42, explana sobre o ser da presença como cura (cuidado)<sup>3</sup>, uma vez que esse ser da presença é um ser-no-mundo<sup>4</sup>. De acordo com filósofo alemão, é no mundo que o ser desenvolve a capacidade de cuidar, pois ele entende que o ser-no-mundo é a própria cura/cuidado. Uma vez que o “[...] ser é um ser junto como ocupação e o ser como co-presença dos outros nos encontros dentro do mundo como preocupação.” (HEIDEGGER, 2009, p. 260, grifo nosso).

O ser-junto como ocupação, enquanto modo de ser-em, tem como estrutura fundamental a cura. A cura se torna a unidade da existencialidade, que abarca a facticidade (ser lançado no mundo) e a decadência (modo de ser-no-mundo em estado inautêntico) inseridos nesse próprio ser. Contudo, cura/cuidado não indica uma atitude exclusiva e isolada do eu consigo mesmo, porque essa atitude se caracteriza ontologicamente como anteceder-a-si-mesma, visto que cura/cuidado é a essência do ser. Dessa forma, evidenciam dois momentos estruturais da cura: ser-em e o ser-junto a. (HEIDEGGER, 2009).

Da mesma forma que cura/cuidado transcende as ações individuais do ser/ente, o ser da presença não pode ser meramente contemplativo, isto é, que permanece estático observando as coisas se realizarem, mas como cura/cuidado tem sua ação política, participa concretamente da construção e reconstrução das relações existenciais e sociais ao seu redor. Aqui a teoria se torna prática, e vice-versa. “[...] “teoria” e “prática” são possibilidade ontológica de um ente cujo ser deve determinar-se como cura.” (HEIDEGGER, 2009, p. 261).

A ação política do ser da presença no mundo, enquanto cura/cuidado, retrata o comprometimento do ser com os demais seres ao seu redor. O que remete cada pessoa

3 Alguns estudiosos derivam cuidado do latim *cura*. Essa palavra é um sinônimo erudito de cuidado. *Cura* em latim se escrevia *coera* e era usada num contexto de relações de amor e de amizade. Expressava a atitude de cuidado, de desvelo, de preocupação e de inquietação pela pessoa amada ou por um objeto de estimação. Outros derivam cuidado de *cogitare-cogitatus*. O sentido de *cogitare-cogitatus* é o mesmo de cura: cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e de preocupação. Heidegger usa três palavras cognatas para falar do ato de cuidar: cura/cuidado, ocupação, preocupação.

4 Segundo Boff (2012a, p. 105), ao utilizar a expressão ser-no-mundo, não estamos nos referindo à dimensão geográfica, mas “[...] significa uma forma de *ex-istir* e de *co-existir*, de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo. Nessa co-existência e *con-vivência*, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade”.

a deixar a falácia de lado, ocupar e preocupar-se com as coisas ao seu redor, como uma necessidade ontológica. É o que Leonardo Boff chamará de mundo sustentável, que junta teoria e prática numa mesma ação. Não se trata de uma sustentabilidade que almeja somente o lucro, onde grandes empresas utilizam “ações de sustentabilidade” como marketing em seus produtos, sem responsabilidade ambiental e ecológica. Estamos falando de uma sustentabilidade que preserva a vitalidade e a integridade do ecossistema e nos convoca a sermos cuidadores da *Casa Comum, a Mãe Terra*. (BOFF, 2012b).

De acordo com Boff (2012b, p. 13), não é possível pensar em sustentabilidade sem pensar no cuidado, pois os dois “[...] caminham juntos, amparando-se mutuamente”. Por isso, para esse autor, sustentabilidade e cuidado, se não vierem acompanhados de uma transformação espiritual, não se consolidam.

Boff, ao usar o termo “espiritual” ou “espiritualidade”, não remete a seitas religiosas, ou vai contra os céticos e secularistas, refere-se a uma necessidade do ser humano em constituir o seu ser-no-mundo. Pois, “ser espiritual é despertar a dimensão mais profunda que está em nós, que nos torna sensíveis à solidariedade, à cooperação, à compaixão, à fraternidade universal, à justiça para com todos, à veneração e ao amor incondicional. E controlar seu contrário.” (BOFF, 2012b, p. 13).

Tanto Heidegger como Boff reconhecem que cura/cuidado antecede ao próprio ser, o qual é a essência do ser humano, e lembram que todos e todas fazem parte da *Mãe Terra*, a partir da antiga fábula do *Cuidado*:

Certa vez, atravessando um rio, Cura viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a dar-lhe forma. Enquanto refletia sobre o que criaria, interveio Júpiter. A Cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a Cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o nome. Enquanto Cura e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a Terra (tellus) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: “Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, Terra, por ter dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a Cura quem primeiro o formou, ele deve pertencer a Cura enquanto viver. Como, no

entanto, sobre o nome há disputa, ele deve chamar-se Homo, pois foi feito de húmus. (HEIDEGGER, 2009, p. 267).

De acordo com Heidegger (2009), a fábula acima relata o testemunho pré-ontológico de cura/cuidado, uma vez que esta ganha um significado especial não somente por pertencer à presença humana enquanto vive, mas porque essa primazia de cura/cuidado emerge no contexto da criação do ser humano, apreendido e composto de corpo e espírito. E a origem desse ser está na categoria cura/cuidado, e nunca será abandonado por ela, mas mantido e dominado enquanto estiver no mundo.

A presença do ser-no-mundo, enquanto cura, expressa nessa fábula, retrata a *temporalidade* do ser humano no mundo, conforme é citado por Saturno: “[...] Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito”. Isso significa que existe um tempo para estar no mundo e que a permanência do homem depende necessariamente do cuidado; e a sua *corporeidade* ou matéria: “[...] tu, Terra, por ter dado o corpo, deves receber o corpo.” (HEIDEGGER, 2009, p. 266).

De acordo com Boff (2012b) e Heidegger (2009), o cuidado é ontológico, não deve se esgotar num ato que começa e acaba em si mesmo. O cuidado deve ser uma atitude permanente de atos, que deriva da natureza do ser. A atitude de quem cuida expressa ao outro, dois significados:

A primeira designa o desvelo, a solicitude, a atenção, a diligência e o zelo que se devota a uma pessoa ou a um grupo ou algum objeto de estimação. O cuidado mostra que o outro tem importância porque se sente envolvido com sua vida e com o seu destino. (BOFF, 2012b, 29).

O cuidado, por envolver o aspecto da afetividade pela pessoa amada ou por alguém por quem se tem afinidades, empatia, laços de parentesco, amizade, passa a significar a preocupação, a inquietação, a perturbação. Quem ama cuida e se preocupa com o bem do outro. (BOFF, 2012b).

O terceiro significado aplicado ao cuidado, segundo Boff (2012b), está na vontade de cuidar e de ser cuidado. O que se vê na relação entre os pais e/ou responsável e o bebê

(recém-nascido), o qual sem o cuidado de um adulto não é capaz de sobreviver, e esse sente a vontade, a predisposição de cuidar do infante. Essa necessidade do cuidado e a vontade de cuidar nos acompanharão, desde o nascimento até a morte, passando por todas as etapas da vida humana.

O quarto sentido, apresentado por Boff (2012b), é o “cuidado-precaução” e o “cuidado-prevenção”, que são constituídos de atitudes e comportamentos que podem ser evitados por causa das suas consequências danosas previsíveis (prevenção) e aquelas imprevisíveis. Cientificamente não se têm dados exatos que podem dizer se tais atitudes serão danosas ou não para a vida humana e do planeta, por isso, a necessidade de agirmos com precaução. “[...] Cuidar e ser cuidado são duas demandas fundamentais de nossa existência pessoal e social.” (BOFF, 2012b, p. 29).

Para Boff (2012b, p. 37-38), além dos sentidos já expostos, o cuidado porta mais dois sentidos fundamentais para a consciência do ser no mundo. O primeiro, ele chamará de o cuidado *natural-objetivo*, que significa “aquele que é dado com a própria existência, tais como cuidado-amoroso, o cuidado-preocupação e o cuidado-precaução-prevenção”, o que ajuda a pessoa a cuidar de si mesma e dos outros, da própria saúde, do corpo e da mente e, também, a cuidar e se preocupar com o ambiente em que se vive e se relaciona com os outros seres vivos. O segundo é o cuidado *ético-consciente*. Trata-se do cuidado natural, assumido conscientemente. É a ação consciente em defesa do meio ambiente, depositando valores e tendo isso como projeto de vida. “Transformando o que é da natureza em propósito pessoal, social e planetário; portanto, é algo que depende da nossa vontade e liberdade, e assim se transforma em um dado cultural.” (BOFF, 2012b, p. 38).

Surge, a partir da ontologia do cuidado, um desafio ao ser: olhar o que tem em mãos e tomar uma atitude na vida, tendo a plena consciência da sua própria essência. O ser-no-mundo, como uma perspectiva existencial a partir da dimensão do cuidado, desperta no ser humano a necessidade de valorizar aquilo que de fato é importante, não com um valor utilitário presente no mundo, isto é, o cuidado do outro até quando ele for útil aos outros e, depois, descartá-lo, mas como um valor intrínseco, que faz parte da existência do ser, o que lhe dá sentido. O que cuida se abre para a dimensão da alteridade, do respeito,

da sacralidade, da reciprocidade, da complementaridade e, sobretudo, reconhece que todos são seres dependentes uns dos outros, para a sobrevivência no mundo.

## 2 O cuidado em sua dimensão fenomenológica

A fenomenologia é uma área do saber filosófico que se preocupa especificamente com o fenômeno, ou seja, aquilo que aparece, a coisa fora de si. Entendendo que o fenômeno é como o objeto do conhecimento aparece, como se apresenta à consciência. No entanto, o fenômeno estabelece relação de dialética com o sujeito pensante e o objeto do conhecimento, procurando resolver a dualidade entre sujeito-objeto, corporeamente. Segundo Husserl citado por Aranha e Martins (2009, p. 198), a “[...] fenomenologia é o processo pelo qual examina o fluxo da consciência, ao mesmo tempo é capaz de representar um objeto fora de si”.

Para as autoras Aranha e Martins (2009), a noção básica da fenomenologia é a intencionalidade, visto que, para elas, a consciência é intencional por visar sempre algo fora de si mesmo. Dessa forma, a fenomenologia afirma que não se pode pensar o mundo, as coisas e o fenômeno separados de uma relação entre sujeito que conhece e o objeto que é conhecido, por acreditar que não existe uma realidade em si.

Conforme Boff (2012a), o cuidado expressa a sua dimensão fenomenológica, uma vez que a consciência é capaz de captá-lo no próprio fenômeno, ou melhor:

Por fenomenologia entendemos a maneira pela qual qualquer realidade, nesse caso o cuidado, torna-se um fenômeno para nossa consciência, mostra-se em nossa existência e molda-se em nossa prática. Nesse sentido, não se trata falar ou pensar sobre o cuidado, como um objeto independente de nós, mas pensar e falar a partir do cuidado como é vivido e se estrutura em nós. Não temos o cuidado. Somos o cuidado, isso significa que o cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano. É um modo-de-ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado deixamos de ser humano. (BOFF, 2012a, p. 100-101).

Como ser humano, o ponto de partida para discutir a fenomenologia do cuidado será a relação entre o sujeito que cuida e o sujeito que é cuidado. Numa relação em que há uma intencionalidade, ou seja, a cura, seja a cura para quem precisa da cura, no caso, o doente<sup>5</sup>, seja a cura de quem apenas pratica a cura. Porque, de acordo com Boff (2012b, p. 58), é “[...] preciso ser cuidado e sentir o impulso de cuidar. A dupla ser cuidado e cuidar constitui a energia frontal e seminal que vai construir, ao longo do tempo e do espaço, a humanidade do ser humano”.

O cuidado, enquanto ser ontológico ou fenomenológico, diz respeito ao *modo de ser* do próprio ser, o *Dasein* – o ser aí, o ser sendo – a presença do ser no mundo. O que reflete que o ser não é estático, mas aberto à possibilidade de vir a ser, no entanto, sem perder a sua essência de ser (cura/cuidado).

Segundo Fernandes (2011, p. 20), “[...] todo e qualquer comportamento humano é cuidado e se cumpre como cuidado. Não somos nós que temos o cuidado, mas é o cuidado que nos tem”. Isso quer dizer, que pertencemos ao cuidado e que ele é anterior a todo e qualquer comportamento, seja ele prático ou teórico, consciente ou inconsciente, como estruturado por Boff:

[...] Pelo fato de o ser humano ser portador de cuidado essencial, cria-se a condição para ele sentir-se conscientemente como um ser-no-mundo. O cuidado prefigura a ex-existência, o estar voltado para fora e para o outro. Numa palavra, o cuidado é o “sentido relacional da vida”, “intencionalidade originária da vida”. É, portanto, mais que uma mera inquietação; é a estrutura originária do *Dasein*, da existência humana, no tempo e no mundo. Ser homem/mulher é ser constituído de cuidado. (BOFF, 2012b, p. 53).

César (2011) apresenta três noções do cuidado no seu artigo *A noção do cuidado em Paul Ricoeur*. A primeira está ligada à noção de respeito, na qual se entrelaçam as de simpatia e de reconhecimento enquanto superação de conflitos. A segunda noção é a solicitude, a qual expressa nas relações interpessoais a estima ao outro enquanto ser distinto de nós. A terceira traz a noção do reconhecimento de si e do outro.

5 Aqui não se trata somente do doente físico, mas aquele que precisa de todo tipo de cuidado (seja por carência afetiva, material, doente espiritualmente, psicologicamente, por falta de atenção, por maus-tratos, etc.)

De acordo com Fernandes (2011), o ser sendo no mundo, a partir da solicitude, coloca-se em relação contínua com os outros. E é o cuidado que nos colocou em comunhão e comunicação com os demais seres, uma vez que, antes da nossa relação se dar no nível do falar e do agir, já se dá no nível do ser, e o ser é relacional. [...] “*O relacionamento com o outro cai sempre dentro da envergadura do cuidado, que se faz solicitude. O arco das possibilidades da solicitude vai da indiferença e do ódio, por um lado, a diligência e amor por outro lado.*” (FERNANDES, 2011, p. 25, grifo do autor).

Dessa forma, todo relacionamento interpessoal corre o risco da perda do cuidado, principalmente, quando as relações entre sujeitos perdem a dimensão da solicitude e se baseia na impessoalidade do *a gente*, em que é “todo mundo” e, ao mesmo tempo, “ninguém”. Dentro desse contexto, a identidade do ser vai se perdendo no âmbito das relações, no qual o ser não se reconhece no mundo da convivência, no mundo da solicitude recíproca, e vai se inserindo no mundo da publicidade, visto que só é aceito aquilo que é acessível a todos indistintamente, proporcionando relações de massa (FERNANDES, 2011). Isso é comum nas redes de relacionamentos virtuais, nas quais se compartilha sofrimentos, alegrias, ansiedades e medos. Outros curtem e comentam os *status* sem mesmo conhecer a sua identidade de ser-no-mundo. Concomitantemente, “todos” comungam os seus sentimentos, todos dão palavras de incentivo, ou seja, “todos cuidam” de você, contudo, é um cuidado sem responsabilidade.

### 3 O cuidado na dimensão terapêutica

A palavra “terapêutica” tem sua origem do Grego *therapeutikos*, significando: “aquele que serve”, no sentido de aquele que cuida. A dimensão terapêutica evidencia o cuidado em ações e atitudes intencionais, direcionadas a uma pessoa ou um grupo de pessoas que possuem uma demanda específica. O ato terapêutico, em regra, utiliza-se de métodos e técnicas fundamentados em um conhecimento científico ou popular e podem ser aferidos e avaliados em suas intenções, ações e resultados. O ato terapêutico visa à restituição ou à aquisição de um estado de bem-estar físico, emocional ou espiritual.

No cotidiano, quase sempre se usa a palavra cuidado: ou que alguém precisa

de cuidado, nos referindo a alguém doente ou necessitado de alguma forma de ajuda, refletindo o lado frágil da situação. No entanto, a necessidade de cuidado não só se expressa na doença, pois são inúmeros os motivos que nos levam a buscar o cuidado, o que pode evidenciar a existência de alguma carência, vulnerabilidade ou ameaça que impulse o indivíduo em direção de alguém que lhe ofereça acolhida, cuidado e proteção. (CAMPOS, 2007).

O conceito de suporte social, de acordo com o autor do livro *Quem cuida do cuidador: uma proposta para os profissionais da saúde*:

Foi sendo construído nos campos da psicologia social e da saúde comunitária, em torno de duas ideias básicas: de um lado, o estabelecimento de vínculos interpessoais, grupos ou comunitários próximos, proporcionando sentimento de proteção e apoio às pessoas envolvidas e, de outro, a repercussão desses vínculos na integridade física e psicológica dos indivíduos. (CAMPOS, 2007, p. 43).

São nos grupos sociais, religiosos e familiares, que as pessoas vão criando vínculos e identidade, podendo sentir-se mais livres para expor as suas dores, comungar sofrimentos, alegrias e superações com os outros. Já é de praxe nas áreas terapêuticas, grupos temáticos com a finalidade de trazer o doente e/ou familiares para estarem mais próximos, podendo conhecer melhor a doença, histórias e experiências de superação, compartilhar com os demais as suas angústias, medos e dores vividos por longos anos.

Esses grupos podem ser encontrados em instituições de saúde ou em blogs, sites e redes de relacionamentos virtuais. Hoje se vê, com muita frequência, grupos de apoio com objetivo de diminuir a dor de uma perda, o sofrimento vivido no período de um tratamento, medo da morte e da solidão, com intuito de dar mais qualidade de vida, esperança e sentido para continuar lutando contra todo tipo de doença existente em nossa sociedade, embora a carência (ou a própria doença) possa não ser tão explícita, apresentando-se de uma forma velada.

Muitas vezes, essa carência pode ser ocasionada por uma falta de atenção, aceitação e valorização da parte dos outros, colocando em risco a saúde física, espiritual e emocional. Por isso, é preciso olhar sempre além da aparência (sintomas), buscando

encontrar o sujeito, a pessoa com as suas necessidades reveladas pela alma. Isto é, descobrir o que está atrás da doença. E nesse caso, o tratamento terapêutico de que a pessoa precisa é ser tocado, ouvido, olhado, sentido, compreendido, de forma afetuosa, carinhosa e cuidadosa:

Percebe-se, pois, que demandar cuidado revela, em princípio, uma vulnerabilidade ou carência que, todavia, pode não ser a revelada: a doença. O que o sujeito quer não é exatamente ser cuidado da sua doença através de remédios, exames ou cirurgias, mas antes, ser olhado, tocado, escutado. (CAMPOS, 2007, p. 38).

Muitas vezes, encontra-se nas sessões terapêuticas ou grupos de ajuda, orientações ou a simples escuta de um desabafo, dialoga-se com pessoas que possuem doenças não apenas físicas, buscando uma cura da alma. São pessoas que carregam dores de experiências vividas, marcadas por violências físicas, psicológicas, agressões, autoritarismos e repressões dos pais, abusos sexuais, abandonos, fragilidades no casamento, filhos envolvidos com drogas. São pessoas que chegam envergonhadas, angustiadas, solitárias, guardando sob “sete chaves” o seu próprio sofrimento, por medo de serem julgadas pelos outros.

O que exige do cuidador é uma escuta acolhedora, uma orientação acertada, para não ocasionar mais sofrimento, pois [...] “a forma de cuidar (e de receber esse cuidado) sofrerá a influência do conjunto de experiências e crenças da dupla, interferindo nos resultados oferecidos.” (CAMPOS, 2007, p. 39). Inexiste neutralidade, pois a partilha do indivíduo “doente” pode se refletir na vida do cuidador, conflitando com suas crenças, normas religiosas e sociais, seus valores e com sua própria história de vida, ocasionando dores e sofrimento. Nesse diapasão, nas lições de Campos:

O cuidador também precisa ser cuidado. Precisa de alguém que lhe dê suporte, que lhe ofereça proteção e apoio, facilitando seu desempenho, compartilhando, de algum modo, sua tarefa. Logo, o cuidador demanda reciprocidade. Necessita de alguém alcançável e capaz de funcionar como suporte. (CAMPOS, 2007, p. 42).

Quando a pessoa aprimora a sua escuta e aprende a acolher o outro para além de suas crenças e valores, julgamentos preconceituosos, ouvindo a alma daquele que fala, esse sai da sala de atendimento como se tivesse “lavado a alma”, como se por um momento deixasse de lado a dor e pudesse olhar a vida por um outro ângulo, menos doloroso, com mais amor e afeto. Isso nos faz refletir sobre a nossa postura e o nosso papel como cuidadores de almas. Percebe-se a necessidade de criar “[...] oportunidades para o resgate de encontros tão significativos à constituição e ao exercício humano como aqueles capazes de permitir a troca de amor e de reconhecimento; carinho e cuidado; compreensão e acolhimento.” (CAMPOS, 2007, p. 40).

Por isso que Campos (2007, p. 48) defende a prática do suporte social ou religioso nos tratamentos terapêuticos como fator fundamental na cura de todo tipo de doença, seja ela física, psicológica ou social. Pois para ele, o suporte social proporciona: apoio emocional como alteridade, suprimento de recursos ou prestação de serviços, generosidade, orientação, proteção e acolhimento, valorização, referência social, aceitação, compreensão. Além disso, mutualidade, identificação, intimidade e familiaridade, continuidade e, também, esperança.

Cobb, citado por Campos (2007, p. 49), diz que são três os componentes essenciais na configuração do suporte social, enquanto relacionamento próximo e acolhedor: a) Emocional: sentimento de ser amado, cuidado e protegido; b) Valorativo: sentimento de autoestima e valorização pessoal (consideração e respeito); c) Comunicacional: sentimento de pertencer a uma rede de mútua obrigação, algo que pertence a mais de um, ou seja, todos da rede têm acesso às informações, que são compartilhadas por todos.

O que se pode identificar é o suporte social que aumenta a capacidade do ser humano de lidar com o estresse e combater as doenças, por meio da adesão ao tratamento. Por isso, a necessidade de reforçar os grupos sociais e religiosos com enfoque terapêutico que abordem, na ordem do cuidado, todas as dimensões da vida humana nos aspectos ôntico e ontológico.

#### **4 O que é amadurecimento espiritual e como alcançá-lo pela via do cuidado?**

A grande parte da sociedade “pós-moderna” privilegia o racionalismo e as novidades dos avanços tecnológicos, dedicando pouco para o exercício do cuidado. Num tempo passado, no período missionário do apóstolo Paulo, já se tinha uma vivência comunitária, que por sua vez, caracterizava num processo maturidade, conforme atesta na Carta aos Efésios:

Foi ele quem estabeleceu alguns como apóstolos, outros como profetas, outros como evangelistas e outros como pastores e mestres. Assim, ele preparou os cristãos para o trabalho do ministério que constrói o Corpo de Cristo. A meta é que todos juntos nos encontremos unidos na mesma fé e no conhecimento do Filho de Deus, para chegarmos a ser o homem perfeito que, na maturidade do seu desenvolvimento, é a plenitude de Cristo. Então, já não seremos crianças, jogados pelas ondas e levados para cá e para lá por qualquer vento de doutrina, presos pela artimanha dos homens e pela astúcia com que eles nos induzem ao erro. (Ef 4,11-14). (BÍBLIA, 2006).

Chegar à “estatura do varão perfeito” demanda crescimento, cuidado e processo de maturidade pessoal e espiritual. O termo “crescimento espiritual” é comum de se ouvir na vida religiosa e, também, em consultórios terapêuticos como caminho de equilíbrio emocional e de ajuda relacional consigo mesmo, com os outros e com o divino. Antes de versarmos sobre o amadurecimento espiritual, vamos entender o que é amadurecimento e maturidade, a partir de seus significados:

O termo “maturidade” vem do crescimento de uma fruta. Amadurecer é um processo de crescimento. Madura é uma fruta quando chegou a ser aquilo que deve e quer ser, de acordo com sua determinação, sua essência; quando se tornou digerível para as pessoas, quando desdobrou a beleza que estava escondida nela. Amadurecimento humano significa que uma pessoa desabrocha, que torna visível o que há dentro dela em termos de possibilidades e capacidades; quando em

torno dela há florescimento e frutos. E, a maturidade se mostra também quando ela sabe lidar bem consigo mesma e com as outras pessoas, quando é capaz de relacionar-se e de trabalhar em equipe, quando é capaz de contribuir com a formação do mundo. Decisivo para uma maturidade de uma pessoa é que ela tenha se reconciliado com a vida e que seja capaz de dizer “sim” a si mesma, do jeito como é (GRÜN; SARTORIUS, 2006, p. 9).

Para alcançar a maturidade humana, primeiro se perpassa por um processo de amadurecimento do ser nas suas dimensões (espiritual, relacional, trabalho, familiar, estudo). Uma pessoa madura é aquela que transparece paz interior, humildade, abertura, fecundidade, fraternidade, diálogo e proximidade. Continuando com a afirmação de Grün e Sartorius:

Amadurecer no sentido espiritual significa que cada pessoa leve à plenitude aquela imagem singular que Deus fez dela, que realize seu próprio ser, que encontre a forma a ela destinada por Deus. Conforme Tomás de Aquino, cada pessoa é uma expressão singular de Deus. Existe algo de divino que pode ser expresso somente por nós, seres humanos. (GRÜN; SARTORIUS, 2006, p. 9-10).

A maturidade demanda, além do amadurecimento, um ato intencional de crescimento emocional e pessoal, por meio do exercício da consciência e da liberdade pela escolha. Cada fase da vida humana tem seu próprio nível de desenvolvimento e carrega suas próprias características de maturidade, pois somos seres em processo de construção, de crescimento.

No processo de crescimento, a pessoa dá passos para alcançar a maturidade quando busca encontrar seu verdadeiro ser, aprendendo a discernir as normas que vem da sua consciência ou àquelas que chegam de fora. Saber também reconhecer e aceitar suas mazelas, limitações, qualidades, vontades e sonhos, como características próprias da sua personalidade, canalizando-as para melhor se arranjar na vida.

A maturidade é propiciada pelos processos de enfrentamento que a vida naturalmente impõe ao indivíduo. Para o ser humano admitir seus diversos sentimentos e conflitos é uma luta constante. Conviver com os problemas é difícil, mas coragem, determinação,

disciplina, discernimento e organização tornam a situação mais segura de se administrar, desde que a pessoa consiga integrar bem os sentimentos e os conflitos (GRÜN; SARTORIUS, 2006).

Outro passo no caminho do amadurecimento é a vivência da integridade do ser e o reconhecimento da vida como ela é. É ser realista, não alienado, não vivendo em busca de ideais impossíveis de serem alcançados; é sair da passividade, da vitimização, para um estado de transformação e de protagonismo da sua história pelo cuidado.

O passo seguinte é conhecer o seu “eu”, através de perguntas como: Quem sou agora? Onde estou? Como me adapto a outras pessoas e coisas? Aonde quero chegar por meio de minhas ações? Aqui, a pessoa percebendo seus aspectos psíquicos, físicos, emocionais e sociais constrói seu ser relacional, voltado para o mundo. Um ser capaz de entender suas necessidades e potenciais de crescimento para construir novas relações (GRÜN; SARTORIUS, 2006).

Capacidade de viver o aqui-agora e de perceber as noções interiores e exteriores, sem julgá-las como parte do processo de amadurecimento, como destaca Grün e Sartorius:

A maturidade humana é compreendida na gestalt-terapia não como um estado pronto, mas como um processo contínuo, vivo, voltado para a vida interior e exterior. Nele, preciso procurar sempre de novo o equilíbrio em mim mesmo e entre mim e as outras pessoas. A gestalt-terapia apoia a pessoa neste processo, fazendo com que ela perceba imparcialmente todos os impulsos em si mesma e nas outras pessoas. Ela a encoraja a aguentar as tensões que surgem e fortalece sua confiança de que encontrará, neste caminho, uma solução antes inimaginável. Isso é possível apenas quando ela admite todos os aspectos de seu ser e não exclui nada. (GRÜN; SARTORIUS, 2006, p. 34-35).

Para alcançar o amadurecimento espiritual, é preciso voltar às “raízes”, recordar de onde viemos: família, vizinhos, bairro, educação, amigos, para descobrir no interior de si o húmus provindo de Deus. Essa humildade é a abertura para Deus fazer morada, pois, “[...] o caminho para o amadurecimento é ceder dentro de si espaço para Deus.” (GRÜN; SARTORIUS, 2006, p. 51).

## Considerações finais

Constatou-se na pesquisa a importância do cultivo e do aprimoramento das relações de cuidado. Estamos numa sociedade marcada pela cultura socioeconômica que determina os valores dos indivíduos, os quais são avaliados por aquilo que produzem para o mercado. Se o indivíduo não corresponde ao nível de produção solicitado, ele é marginalizado pelo sistema. A falta de cuidado é crescente a cada dia.

Existe um considerável potencial do ser humano em alcançar e conquistar crescimento espiritual por meio da prática do cuidado. Somente pelo exercício do cuidado a pessoa conseguirá chegar ao seu máximo de doação ao outro, mediante a sensibilidade e um caminho espiritual. Aqui está a novidade: a pessoa que cuida de si aprende com suas conquistas e seus limites a “arte de cuidar” e, conseqüentemente, saberá tratar ou se relacionar com o outro que necessita de cuidados, assim como o Jesus Histórico, ou, o Cristo da Fé fez, colocando-se, primeiro, no lugar do excluído. Esse tipo de tratamento, de “saber cuidar” por modelagem, vai passando de pessoa a pessoa, como uma corrente do bem: um cuidando do outro.

Contudo, o artigo nos permitiu conhecer e identificar os mecanismos que colocam o ser humano em contato com o seu dom de “saber cuidar”, numa abordagem ontológica (inerente em nós) que estrutura toda a dimensão ôntica (identidade) pelo modo de configurar-se no mundo por meio do cuidado consigo e com os outros e com o mundo a nossa volta.

## Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidado: ética do humano – compaixão pela terra*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.

BOFF, Leonardo. *O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2012b.

CAMPOS, Eugênio Paes. *Quem cuida do cuidador: uma proposta para os profissionais da saúde*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CÉSAR, Constança Marcondes. A noção do cuidar em Paul Ricoeur. In: PEIXOTO, Adão José; HOLANDA, Adriano Furtado (Coords.). *Fenomenologia do cuidado e do cuidar: perspectivas multidisciplinares*. Curitiba: Juruá, 2011.

CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à filosofia*. São Paulo: Ática, 2012.

FERNANDES, Marcos Aurélio. Do cuidado da fenomenologia à fenomenologia do cuidado. In: PEIXOTO, Adão José; HOLANDA, Adriano Furtado (Coords.). *Fenomenologia do cuidado e do cuidar: perspectivas multidisciplinares*. Curitiba: Juruá, 2011.

GRÜN, Anselm; SARTORIUS, Christiane. *Amadurecimento espiritual e humano na vida religiosa*. Tradução Monika Ottermann. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção viver melhor).

HEIDEGGER, Martins. *Ser e tempo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. (Coleção Pensamento Humano).

Submetido em: 30 mar. 2021.

Aprovado em: 20 ago. 2021.